

Saberes Plurais para o Ensino de Jornalismo: Contribuições de Mulheres para as Teorias do Jornalismo¹

Gean Oliveira GONÇALVES²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Passados cerca de 50 anos de reflexões críticas sobre o jornalismo no Brasil a partir da inserção dos estudos em jornalismo nas universidades, deparamo-nos com significativas tentativas de compreender as contribuições e as abordagens dos pesquisadores de jornalismo para uma Teoria do Jornalismo. Neste artigo, dedico-me a averiguar como o conhecimento e as pesquisas de mulheres são apresentados nas bibliografias dos cursos de jornalismo pelo País. Em um momento de discussões sobre o ensino-aprendizado como experiência de inclusão, interessa-nos encorajar perturbações sobre as implicações de ensinar jornalismo a partir de um pensamento majoritariamente masculino, o qual é construído como cânone e como experiência universal.

PALAVRAS-CHAVE: epistemologia; ensino de jornalismo; relações de gênero; conhecimento; teorias do jornalismo.

INTRODUÇÃO

Parece de fundamental relevância para um conjunto de protagonistas sociais, entre eles muitos docentes, que o contexto da sala de aula possa ser uma experiência pedagógica que respeite e honre os grupos em vulnerabilidade e seus saberes, que possamos cruzar as barreiras erguidas pela raça, pelo gênero, pela sexualidade, pela classe social e por outras diferenças. Para isso, muitos professores - em todos os níveis da educação - já reconheceram que o estilo clássico de ensino tem de mudar. No entanto, a maioria dos professores aprende a ensinar imitando os pares, principalmente, no ensino superior, o que não é diferente na experiência do ensino de jornalismo.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-UP, sob orientação da Profa. Dra. Cremilda Celeste de Araújo Medina. Bolsista do CNPq. E-mail: geangoncalves@usp.br.

Nesse sentido, no modo de ensinar, impera o depósito de informações e a reiteração de cânones intelectuais que tem suas contribuições constituídas e marcadas majoritariamente pela perspectiva do sexismo, do racismo, da heterossexualidade, do colonialismo, portanto, práticas didáticas fixas, absolutas e situadas no hegemônico. Contudo, é possível imaginar modos de ensino e de experiência de aprendizado diferentes, com o intuito de questionar as parciais que reforçam os sistemas de dominação e que proporcionem liberdade a grupos diversificados de alunos.

Para isso, a professora e intelectual afroamericana bell hooks (2013) recomenda, ao se propor mudanças de paradigmas na educação, que se leve em consideração o receio e o medo dos docentes:

[...] a maioria de nós frequentamos escolas onde o estilo de ensino refletia a noção de uma única norma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados a crer que fosse universal. Isso vale tanto para os professores não brancos quanto para os brancos. A maioria de nós aprendemos ensinar imitando esse modelo. Como consequência, muitos professores se perturbam com as implicações políticas de uma educação multicultural, pois têm medo de perder o controle da turma caso não haja um modo único de abordar um tema, mas sim modos múltiplos e referências múltiplas (hooks, 2013, p. 51).

Tendo a acreditar que a maioria dos professores brasileiros se preocupam com a qualidade da educação e estão especialmente bem-intencionados. Todavia, não é estranho encontrar professores que fazem comentários que podem ser interpretados como terrivelmente racistas, machistas, homofóbicos e transfóbicos. Esse tipo de cena, principalmente, no ensino universitário, muitas vezes marcado por diferenças geracionais, tende a ferir a reputação do professor e a produzir momentos de confrontação. Gera mal-estar entre colegas e prejudica a experiência de ensino-aprendizado.

Vivemos em um momento no qual se busca a inclusão e o respeito por todos, ou seja, fazer da educação um contexto democrático, o que inclui as vivências de pessoas negras, mulheres, indígenas, da juventude e de pessoas LGBT, entre outros grupos. Viver uma experiência de educação onde só se fala das obras escritas por “grandes homens brancos europeus” não parece coerente com a pluralidade e com a busca pela alteridade – ainda mais quando se pensa em uma profissão social voltada à mediação autoral responsável, que cria condições para o diálogo dos diferentes, para a escuta de todas as vozes sociais, ação em que se inscreve o jornalista.

Feita essa apresentação, essa pesquisa é motivada pela percepção de que, na vontade de incluir, muitas vezes não há o mesmo empenho em atribuir legitimidade e

respeito aos trabalhos de autoras, de intelectuais negros, de novas epistemologias. Nas Teorias do Jornalismo, por exemplo, há o reconhecimento de autores pioneiros, de estudiosos de grande referência, que estão espalhados por universidades por todo o Brasil, nos Estados Unidos e na Europa. Contudo, pouco se proporciona o mesmo reconhecimento junto às mulheres que contribuíram e ainda contribuem para as Teorias do Jornalismo.

É essa percepção que pretendemos averiguar e atravessar nas próximas páginas, isto é, como o conhecimento sobre o jornalismo é partilhado. Se os educadores, no desejo de ensinar de modo a transformar consciências, validam uma perspectiva parcial ou se atém a uma postura aberta do saber. Em suma, como as mulheres que teorizam e elaboram noções de compreensão do fenômeno jornalístico estão sendo abordadas? Elas são apresentadas? Há ênfase nas contribuições delas nos cursos de Jornalismo e nas obras sobre Teorias do Jornalismo?

EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS E PLURAIS

Os estudos epistemológicos - aqueles sobre os impasses que atravessam as ciências e a construção do conhecimento - efetuaram uma forte crítica à noção de que o sujeito (que é um produtor de sentidos) é capaz de capturar com objetividade, pelo rigor acadêmico, o que está fora dele. Nesse sentido, foi colocada em vigor a interpretação de que as técnicas de produção do conhecimento são também meios de produção simbólica e que, portanto, a autoria do conhecimento é marcada por subjetividades, está infectada pela trajetória dos discursos sociais, pelas contradições e impasses humanos, pelas disputas de poder vigentes e pelos desafios de um tempo histórico.

Nesse âmbito, o lugar a partir do qual se constrói conhecimento científico é um lugar necessário de ser pensando visto que há estratégias e um modo dominante de produção do conhecimento. No fim dos anos 1990, Margareth Rago (1998) escreveu que as feministas não apenas têm produzido uma crítica contundente ao modo dominante de produção do conhecimento científico, mas as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, que acaba por provocar mutações e desestabilizações na produção do saber. Para Rago,

o feminismo propõe **uma nova relação entre teoria e prática**. Delineia-se um novo agente epistêmico, não isolado do mundo, mas inserido no coração dele, não isento e imparcial, mas subjetivo e afirmando sua particularidade. Ao contrário do desligamento do

cientista em relação ao seu objeto de conhecimento, o que permitiria produzir um conhecimento neutro, livre de interferências subjetivas, clama-se pelo envolvimento do sujeito com seu objeto. (RAGO, 1998, p. 11)

As epistemologias feministas, na análise de Rago, são uma ampla crítica cultural da racionalidade que opera em um campo ensimesmado, “valendo-se de categorias reflexivas incapazes de pensar a diferença” (RAGO, 1998, p. 4). Para Rago, as críticas feministas à ciência apontam que o conhecimento é constituído a partir de um conceito universal de homem, que remete a uma identidade branca, europeia, burguesa, heterossexual. Perspectiva que é assegurada pelas noções de objetividade e neutralidade que garantem a veracidade do conhecimento. Portanto, o discurso científico é predominantemente masculino, já que é construído como efeito de discursos, práticas e relações de centralidade dos homens na sociedade.

No entanto, com a ampliação um conhecimento sobre as mulheres e, agora, sobre as relações de gênero, há uma incorporação de um contradiscurso que resulta em desestabilizações, abandonos de conceitos, questionamentos e a releitura de concepções absolutas e totalizadoras dos fenômenos do mundo, no qual

Feministas assumidas ou não, as mulheres forçam a inclusão dos temas que falam de si, que contam sua própria história e de suas antepassadas e que permitem entender as origens de muitas crenças e valores, de muitas práticas sociais frequentemente opressivas e de inúmeras formas de desclassificação e estigmatização. (RAGO, 1998, p. 13)

Em diálogo com Rago está o pensamento da professora de História da Consciência Donna Haraway, que sinaliza para o modo como as doutrinas científicas masculinas implicam em uma descorporificação. Todavia, Haraway (1995) destaca a potência da visão daqueles posicionados como subjugados, como subalternos, no processo de decodificação tecno-científico; são elas e eles dotados da capacidade de estabelecer interpretações em conjunto já que afirmam uma posição parcial no projeto de construção do conhecimento. As posições não tem a pretensão de constituir um conhecimento racional que pertence a todos os lugares, que fixa verdades, pelo contrário, resistem a ideia de fechamento e a lógica do ponto de vista único. Compõem objetividade com subjetividades e desse modo constituem mapas e redes de compreensão. A ciência é a constituição de espaços solidários de “visões cacofônicas e vozes visionárias” (HARAWAY, 1995):

Estou argumentando a favor de políticas e epistemologias de alocação, posicionamento e situação nas quais parcialidade e não universalidade é a condição de ser ouvido nas propostas a fazer de conhecimento racional. São propostas a respeito da vida das pessoas; a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo (HARAWAY, 1995, p. 30).

Outra contribuição a esse debate advém dos ensaios epistemológicos de Cremilda Medina (2005). A autora concebe algumas rupturas transdisciplinares que se refletem no conhecimento sobre o jornalismo, cuja atuação estaria amarrada ao paradigma cientificista-positivista do século XIX. Para Medina (2005), a força social do jornalismo no imaginário coletivo e profissional advém do rigor da investigação, do estatuto de veracidade e da credibilidade ao resgatar comportamentos e histórias dos protagonistas sociais no contemporâneo. De certa forma, a metodologia do jornalismo incorpora um estatuto científico masculino pela aposta no desempenho, na velocidade, na observação, no levantamento de dados e nas entrevistas com as fontes de informação. Segundo Medina,

O pressuposto da objetividade, exigência metodológica para uma cobertura isenta dos fatos, na realidade *encobre* os complexos contextos. Estes são filtrados por valores e opções ideológicas, quase sempre não conscientes da parte do autor. Para atuar numa situação humana altamente cifrada pela cultura, pelas múltiplas forças políticas, econômicas, sociais e individualizadas nos sujeitos-protagonistas, o profissional da informação de atualidade precisaria de uma capacidade sobre-humana para decifrá-la (MEDINA, 2005, p. 196).

Comprendemos que o processo de encobrir destacado por Medina (2005) significa que a gramática jornalística é marcada por percepções de mundo de uma suposta experiência global de vida, pelo dogma da busca da verdade, que é próprio de uma perspectiva de dominação masculina, cuja racionalidade estabelece um sistema sujeito-objeto, que enfatiza a diferença como subalternidade e que produz desigualdade e vulnerabilidade.

Mas, assim como as epistemologias feministas, Medina aposta em uma saída, a epistemologia da complexidade e dos afetos, cuja dinâmica é marcada pela relação sujeito-sujeito. Pelo pensar complexo, sentir solidário e por agir criativamente. Medina (2005) reforça o papel das narrativas de afetos, de história de vida, de depoimentos dos protagonistas sociais, portanto, que atravessa e transcende a relação. Da colheita das

marcas humanas do outro e da decifração complexa, em suma, que caminha por descobrir e não por revelar, pois

[...] só com essa energia afetiva se pode pôr em questão os perigos de uma racionalidade falaciosa, simplificadora, com o tônus judicativo de quem se sente desafeto. A sedução pelo enquadramento do desconhecido ou mal compreendido em conceitos e pré-conceitos aumenta no ambiente racionalizador e arrogante e tende a se esfumçar no corpo-a-corpo com o espantosamente diferente, mas respeitável (MEDINA, 2005, p. 202).

Em termos propositivos é significativo pensar ainda na contribuição de Fabiana Moraes e Marcia Veiga da Silva (2019) ao refletir a subjetividade como estratégia que desestabiliza as práticas jornalísticas estruturadas em um sistema epistemológico masculino (que também é capitalista, racista, ocidental, heteronormativo). As autoras mostram os modos como o jornalismo opera simbolicamente nas tramas que historicamente relegam determinados sujeitos e grupos às margens, ou seja, vale-se do método científico, o mesmo que funda o paradigma da modernidade, que serve para classificar e abordar o mundo.

Moraes e Veiga da Silva (2019) declaram que “o jornalismo é partícipe, atuando como um mediador e também sendo por eles perpassado, adquirindo conhecimentos através dos conceitos e características similares às da ciência, especialmente em alguns métodos e epistemologias hegemônicas para a validação de uma ‘verdade objetiva’.” (2019, p. 4).

Dessa maneira, ambas as autoras relacionam a subjetividade como um lugar de transgressão das práticas jornalísticas convencionais:

Acreditamos que um caminho para desestabilizar os modos redutores de representação perpetrados pela imprensa é a adoção do que chamamos de jornalismo de subjetividade, denominação que carrega alguma provocação ao sublinhar justamente aquilo que sempre foi negado pela prática, apesar de estar em seu bojo, entranhada pela epistemologia regente. A partir da crítica feminista, entendemos que a subjetividade (e todos os elementos que estariam relacionados a ela, tais como a emoção, o corpo, as visões de mundo dos sujeitos-profissionais), atributo convencionalizado como feminino, ocupa as bases da hierarquia no jornalismo. Alijada da objetivização jornalística, por não ser considerada “prenhe da razão dualista e cartesiana”, a subjetividade é suprimida não apenas na linguagem, que visa à impessoalidade no discurso com fins de assegurar neutralidade, totalidade e valor de verdade. É suprimida também, em grande parte, nas reflexões críticas sobre as práticas, tanto pelos profissionais que as desempenham quanto

por boa parte dos estudos que predominaram historicamente no campo. (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019, p. 13)

Nessa perspectiva, objetividade e subjetividade se integram, passam a significar uma produção simbólica no campo jornalístico que considera as posições de jornalistas e protagonistas sociais em termos de classe, gênero, localidade geográfica, racialidade e demais marcações culturais. Propõe que o jornalismo não deixe de ignorar o meio no qual vivemos, os desenhos da realidade e dos assujeitamentos dos sujeitos.

Diante de tais contribuições sobre a constituição do saber científico e do saber jornalístico, volta-se a interrogante: o ensino contemporâneo em jornalismo conforma ou transforma/renova? Distante de um debate essencialista, em que a mera presença feminina qualifica a pluralidade, mas pensando que ela pode contribuir para uma polissemia e polifonia às teorias do jornalismo, há assinalado nos cursos de jornalismo e, com o devido prestígio, as contribuições femininas ao campo?

Para averiguar tais inquietações, caminharemos por uma análise das obras de referência indicadas como conteúdo para saber/reconhecer as teorias do jornalismo nos conteúdos disciplinares dos cursos de jornalismo nas cinco regiões do país e, em seguida, avaliaremos o registro que os principais livros de teorias do jornalismo fazem das pensadoras e teóricas do jornalismo, em especial, daquelas que compõem o pensamento latino-americano da Ciência do Jornalismo.

OBRAS DE REFERÊNCIA NOS CURSOS DE JORNALISMO

O campo da Comunicação, em particular do Jornalismo, desde o início das pesquisas em nível de Pós-Graduação contou com a presença significativa das mulheres:

As mulheres são maioria entre as pós-graduadas da Comunicação, é fato. Contudo, a legitimação dessas mulheres como intelectuais do campo parece ser mais complexa do que para os homens. As mulheres são minoria tanto na premiação da INTERCOM como da SBPjor na categoria sênior, que condecora a trajetória acadêmica de pesquisadores; apenas uma premiação da área tem nome de mulher; as jornalistas escolhidas para serem estudadas são poucas e têm reconhecimento muito mais por sua produção literária do que jornalística. Quando se pensa em referências canônicas da Comunicação e Jornalismo, são nomes masculinos que surgem (ALMEIDA, 2018, p. 134-135).

Gabriela Cavalcanti Carneiro de Almeida, da Universidade Federal de Ponta Grossa (UEPG), em sua dissertação de mestrado (2018), destaca a presença de Cremilda Medina, da Universidade de São Paulo, e Zélia Leal Adghirni, da Universidade de Brasília, como algumas das pesquisadoras referência. Entre lideranças, Almeida (2018) chama atenção para aquelas que presidiram a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor): Dione Moura, Claudia Lago e Monica Martinez – e para aquelas que foram celebradas com o Prêmio Adelmo Genro Filho, na categoria Sênior, que se destina a reconhecer a qualidade do trabalho acadêmico realizado nas universidades ou nos centros/institutos de pesquisa, bem como a consolidar a identidade e memória do campo científico: Christa Berger, Graça Caldas, Zelia Leal Adghirni, Dulcília Schroeder Buitoni, Cremilda de Araújo Medina e, mais recentemente, Beatriz Corrêa Pires Dornelles.

Tal pioneirismo feminino também é lembrado pelo decano do campo, o professor José Marques de Melo, em conjunto com o pesquisador Francisco de Assis, que em *Valquírias Midiáticas: saga de 7 amazonas, ícones da vanguarda brasileira no campo acadêmico da comunicação* (2010) apresentam uma antologia de perfis biográficos de sete pesquisadoras brasileiras do campo da comunicação e do jornalismo: Adísia Sá, Anamaria Fadul, Cremilda Medina, Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Lucia Santaella, Sonia Virgínia Moreira e Zélia Leal Adghirni. São sete importantes mulheres, consideradas modelos acadêmicos ou matriarcas intelectuais, com papel fundamental na qualidade e profundidade da pesquisa comunicacional brasileira. Diretamente para o campo de estudos do jornalismo, Adísia Sá, Cremilda Medina, Sonia Virgínia Moreira e Zélia Leal Adghirni são os nomes que saltam nessa lista.

Diante de tais nomes de significativo impacto e contribuição, qual é o lugar das mulheres-pesquisadoras no ensino de jornalismo? Os futuros profissionais estão em contato com as vozes femininas do campo? Para caminhar por um possível diagnóstico, averiguaremos a costura bibliográfica, portanto, o material de compreensão e conhecimento classificado como referência nas disciplinas de Teorias do Jornalismo de 15 cursos de jornalismo espalhados pelas cinco regiões territoriais do Brasil.

A seleção das escolas de jornalismo atendeu os seguintes critérios: a) diversidade territorial; b) cursos de graduação em universidades públicas federais ou estaduais; c) disponibilizar publicamente, por meio do espaço institucional da Universidade em

website, para consulta ou reprodução, as ementas das disciplinas que compõem a matriz curricular do respectivo curso de graduação; d) na consulta às ementas (conteúdo programático) identificar a bibliografia recomendada tanto como conteúdo obrigatório quanto complementar nas disciplinas relativas ao estudo da Teoria do Jornalismo.

O levantamento apresentou o seguinte quadro de obras bibliográficas e de autores e autoras do Jornalismo:

Tabela: Registros bibliográficos nas disciplinas de Teorias do Jornalismo

Instituição de Ensino Superior	Obras na Bibliografia	Total de Autores	Pesquisadoras do Jornalismo
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)	7	7	0
Universidade Federal de Roraima (UFRR)	10	9	1
Universidade Federal do Tocantins (UFT)	11	14	3
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	10	8	2
Universidade Federal do Ceará (UFC)	14	16	2
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	20	17	4
Universidade de Brasília (UnB)	8	11	2
Universidade Federal de Goiás (UFG)	8	7	2
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)	8	13	4
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	9	10	2

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	3	3	0
Universidade de São Paulo ³ (USP)	24	23	6
Universidade Estadual de Ponta Grossa ⁴ (UEPG)	20	23	6
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	21	30	10
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	7	7	3

Fonte: do autor.

O mapeamento da composição bibliográfica dos cursos de jornalismo selecionados implicou ainda na identificação das obras com autoria de mulher. É possível a partir dele aferir as obras comumente indicadas aos estudantes de jornalismo, bem como perceber com qual contribuição de pesquisa ou com qual ensaio as autoras são mais lembradas, isto é, celebradas pelo campo de estudos do jornalismo:

Universidade Federal de Roraima

- **MEDINA, Cremilda.** A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

Universidade Federal do Tocantins

- HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; **FRANÇA, Vera Veiga** (org.). Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2010.
- **POLISTCHUK, Ilana;** TRINTA, Aluizio Ramos. Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática da Comunicação Social. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

³ A USP não possui uma disciplina com a nomeação Teorias do Jornalismo. No entanto, a ementa da disciplina Leituras Contemporâneas do Jornalismo busca contribuir com uma reflexão conceitual do jornalismo, com vistas a constituir um campo teórico.

⁴ A UEPG possui as disciplinas Teorias do Jornalismo I e Teorias do Jornalismo II. Neste levantamento ambas foram consideradas.

- **STEINBERGER, Margareth Born.** Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina. São Paulo: Educ; Fapesp; Cortez, 2005.

Universidade Federal da Bahia

- **BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz** (orgs.). A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa. V. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- **BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz** (org.)s. A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa. V. 1. Porto Alegre: Sulina, 2006.

Universidade Federal do Ceará

- **GOMES, Mayra R.** Jornalismo e ciências da linguagem. São Paulo: Hacker/Edusp, 2000.
- **MORETZSON, Sylvia.** Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

Universidade Federal da Paraíba:

- **BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz** (Org.). A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2008. v. 2
- **BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz** (Org.). O jornalismo e os novos meios de comunicação social. Comunicação e Sociedade. São Bernardo do Campo: UMESP, v. 9-10, n. 1, 2006a. p. 15-37.
- **FONSECA, Virgínia.** Indústria de notícias: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- **MEDINA, Cremilda.** Notícia: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

Universidade de Brasília

- **MOURA, Dione Oliveira; PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal.** Mudanças e permanências no jornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.

Universidade Federal de Goiás

- **BERGER, Crista; MAROCCO, Beatriz.** A era glacial do jornalismo Vol. 1. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- **BERGER, Crista; MAROCCO, Beatriz.** A era glacial do jornalismo Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

- **BENETTI, Marcia, FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira** (Orgs.). Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.
- **SILVA, Gislene, SILVA, Marcos Paulo, FERNANDES, Mario Luiz** (Orgs.). Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis (SC): Insular, 2014.

-
- **SHOEMAKER, Pamela J.** e REESE, Stephen D. *Mediating the message: theories of influences of mass media content*. 2. ed. White Plains (NY): Longman, 1996.

Universidade Federal de Minas Gerais

- **BERGER, Christa; MOROCCO, Beatriz.** *A era glacial do jornalismo*, vol.1. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- **BERGER, Christa; MOROCCO, Beatriz.** *A era glacial do jornalismo*, vol.2. Porto Alegre: Sulina, 2006.

Universidade de São Paulo

- **FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Ligia.** *Técnicas de reportagem e Entrevista em Jornalismo*, São Paulo: 2009
- **MEDINA, Cremilda de Araújo.** *Entrevista: o Diálogo Possível*, São Paulo, Ática, 1986.
- **OYAMA, Thaís.** *A Arte de Entrevistar Bem*. São Paulo: Contexto, 2008.
- **PINTO, Ana Estela de Sousa.** *Jornalismo Diário*, São Paulo: Publifolha, 2009.
- **TRAVANCA, Isabel Siqueira.** *O Mundo dos Jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.

Universidade Estadual de Ponta Grossa

- **JORGE, Thaís de Mendonça.** *Mutação no jornalismo: como a notícia chega à internet*. Brasília: Editora UnB, 2013.
- **BENETTI, Márcia; FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira** (org.). *Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos*. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2010.
- **NOELLE-Neumann, Elisabeth.** *La espiral del silencio: Opinión pública: nuestra piel social*. Tradução de Javier Ruíz Calderón. Disponível em: http://capacitacion.iedf.org.mx/moodle/seminario/lecturas/lecturas/sesion2/La_Espiral_del_Silencio.pdf
- **SHOEMAKER, Pamela.** *Teoria do Gatekeeping: seleção e construção da notícia*. Porto Alegre: Penso, 2011.
- **VOGEL, Daisi, MEDITSCH, Eduardo e SILVA, Gislene** (orgs). *Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais*. Vol. 4. Florianópolis: Insular, 2014.

Universidade Federal de Santa Catarina

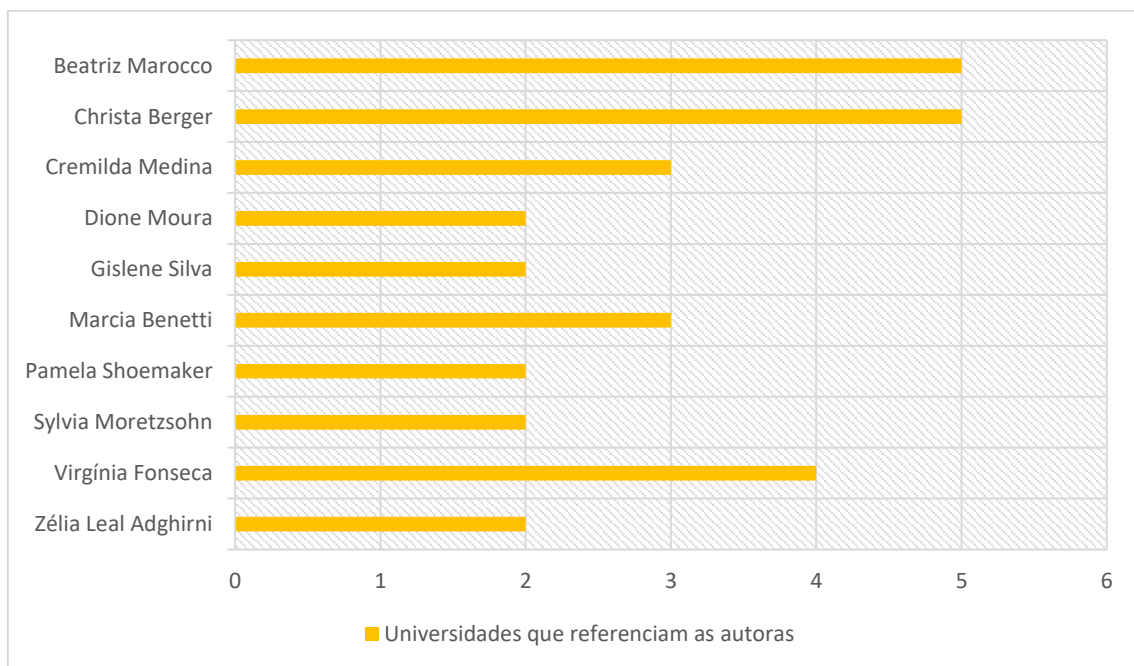
- **MORETZSOHN, Sylvia.** *Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano – do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- **PARK, Robert.** *A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da Sociologia do Conhecimento*. In: **BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz** (Orgs.). *A Era Glacial do Jornalismo: Teorias sociais da imprensa*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- **BARSOTTI, Adriana.** *Jornalista em mutação: do cão de guarda à mobilizador de audiência*. Florianópolis: Insular, 2014.
- **BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira** (Orgs.). *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010.
- **CAGÉ, Julia.** *Salvar os Média: Capitalismo, financiamento participativo e democracia*. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, 2016.
- **LIMA, Samuel; MOURA, Dione** e.a. (Orgs). *Comunicação e Cidadania: conceitos e processos*. Brasília: Francis, 2011.

- MEDITSCH, Eduardo; **SPONHOLZ, Liriam**. Bases para uma Teoria do Jornalismo 2.0. Publicado no Observatório da Imprensa (ed. 661, 26/09/2011). Disponível em <http://migre.me/tfZoG>, acessada em 14/03/2016.
- MOURA, Dione Oliveira; PEREIRA, Fábio Henrique; **ADGHIRNI, Zélia Leal** (Orgs.) RUELAN, Denis; LE CAM; Florence (Colab.). Mudanças e permanências do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.

Universidade Federal de Santa Maria

- **BENETTI, Márcia; FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira** (org.). Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.
- BENETTI, Marcia e **LAGO, Claudia**. Metodologia da Pesquisa em Jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

Gráfico: Mulheres intelectuais das Teorias do Jornalismo



Fonte: do autor.

Os resultados da coleta indicam que a autoria feminina não alcança paridade com as obras elaboradas pelos homens que compõem os estudos em Jornalismo. Elas alcançam cerca de 23,7% de representação junto ao conteúdo autoral para as Teorias do Jornalismo. No quadro apresentado elas também não compõem a metade da composição bibliográfica em nenhum curso selecionado. Nas disciplinas de fundamentação teórica, o olhar masculino prevalece. Os estudantes são, aparentemente, privados de conhecer a riqueza do pensamento jornalístico e os modelos tensionados por elas.

A obra de autoria de mulher com maior repercussão são o duplo volume de *A Era Glacial do Jornalismo – Teorias Sociais da Imprensa* (Editora Sulina, 2006, 2008). As coletâneas são organizadas por Beatriz Marocco e Christa Berger e apresentam as teorias e percepções de intelectuais alemães e norte-americanos sobre o jornalismo e suas articulações com a sociedade. Com textos de Max Weber, Ferdinand Tönnies, Otto Groth, Robert Park, Edward Ross e Walter Lippmann, até então não traduzidos ao português e pouco reconhecidos, estimulam uma análise sobre os primórdios de uma ciência da imprensa. No entanto, são obras compostas por textos masculinos. Curiosamente, as pesquisadoras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos são as pesquisadoras com maior inserção no ensino de graduação das universidades selecionadas, porém, isso não ocorre por meio de uma obra que contempla um pensamento epistemológico autoral.

Virgínia Fonseca e Marcia Benetti, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Cremilda Medina, da Universidade de São Paulo, são as pesquisadoras cujas obras autorais são mais apresentadas no ensino de graduação. No entanto, Cremilda Medina é a estudiosa do campo retomada pela maior variabilidade de produções. O que pode ser compreendido por ser uma autora que atravessa cinco décadas com frutífera contribuição ao campo: da notícia, uma estrutura de mensagem jornalística marcada pelos sociedade urbana e industrial, com complexidade inerente já que é um produto cultural; pelo diálogo possível, o modo do jornalista constituir sua função mediadora e de articulação das forças simbólicas, até a defesa de recursos de afeto e de complexidade ao profissional da informação da atualidade, assim como corroborado por Winch (2018), que lembra que

Cremilda Medina reafirma a necessidade de uma construção teórica do jornalismo – e da comunicação social, campo maior nunca deixado de lado pela pesquisadora – que leve em conta a complexidade da narrativa dialógica. Para tanto, se coloca como fundamental perseguir todas as composições interativas que se desenvolvem com os saberes plurais (MEDINA, 2013). A autora insiste na aproximação do jornalismo, em termos de prática e pesquisa, com outras áreas, como a arte. Esse contato renovaria a dimensão criativa e relacional das produções jornalísticas (WINCH, 2018, p. 102)

Todavia, parece incipiente e redutor o lugar que as teorias brasileiras do jornalismo estão resguardando às mulheres do campo científico, pesquisadoras que com afino contribuíram para o enriquecimento das práticas de uma profissão fundamental para a compreensão da contemporaneidade. Se com as mulheres que foram matriarcas de nossos estudos, elas foram apequenadas de nossa memória e do registro do conhecimento,

tal estudo provocativo faz pensar o que poderemos estar a fazer com intelectuais negros, com a possibilidade de ter um panorama ainda mais plural no futuro, com o desenvolvimento crítico dos futuros jornalistas e com a potência de um pensamento constitutivamente diverso sobre as experiências jornalísticas em território brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gabriela Cavalcanti Carneiro de. **A mulher na pesquisa em jornalismo** - teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em Jornalismo e Comunicação do Brasil (1972-2015). Dissertação (Mestrado em Jornalismo - Área de Concentração: Processos Jornalísticos), Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2018.

books, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, 1995, p. 07-41.

MEDINA, Cremilda (org.). **Ciência e sociedade**: mediações jornalísticas. Série Novo Pacto da Ciência 8. São Paulo: CCS/USP, 2005.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Valquírias Midiáticas**: saga de 7 amazonas, ícones da vanguarda brasileira no campo acadêmico da comunicação. São Paulo, Editora Arte & Ciência, 2010.

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Marcia. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. **Anais do XXVIII Encontro Anual da Compós**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

WINCH. Rafael Rangel. Contribuições teóricas de Cremilda Medina para pensar complexamente o jornalismo. **Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p.89-105, jul/dez. 2018.